



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DH

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIA JOSÉ SILVA DE SOUZA

**O SOLAR JOSÉ RUFINO: OS USOS DA MEMÓRIA EM UMA CASA MUSEU
(AREIA-PB)**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

Maria José Silva de Souza

**O SOLAR JOSÉ RUFINO: OS USOS DA MEMÓRIA EM UMA
CASA MUSEU. (AREIA-PB)**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento á exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719s Souza, Maria Jose Silva de.
O Solar José Rufino [manuscrito] : os usos da memória em uma casa museu. Areia(PB) / Maria Jose Silva de Souza. - 2017.
55 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Memória. 2. História. 3. Patrimônio. 4. Solar José Rufino.

21. ed. CDD 981.33

MARIA JOSÉ SILVA DE SOUZA

**O SOLAR JOSÉ RUFINO: Os usos da memória em uma casa museu
(Areia-PB)**

Monografia apresentada ao Curso de graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em: / /2017.



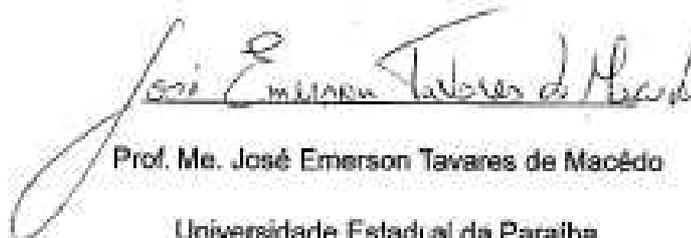
Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / Universidade Estadual da Paraíba

Orientador



Prof. Me. Thomas Bruno Pereira Oliveira

Sociedade Arqueológica da Paraíba



Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo

Universidade Estadual da Paraíba

A minha mãe Severina Silva, pela dedicação e paciência. Não mediu esforços para que eu pudesse levar meus estudos adiante e chegar até esta etapa da minha vida, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Com todo esmero em primeira instância agradeço a Deus, pois foi Nele que encontrei forças para enfrentar e desenvolver tal trabalho visto pelo presente momento estar passando por luto, duas pessoas muito importantes recentemente perdi, meu Pai e minha Avó, então em um momento como esse só uma força soberana.

A minha mãe, não encontro palavras para relatar o tamanho da minha gratidão a ela, em me oferecer todo suporte necessário e até os mais desnecessários.

A meu Pai(in memoriam), pois ele faz parte dessa conquista, me fez chegar até aqui, sempre com sua parcela de responsabilidade para comigo e no que me foi preciso quando presente. Se estivesse comigo seu orgulho nestes dias de hoje seriam maiores, assim como foi desde que adentrei as portas da universidade.

Ao meu irmão que sempre me ajuda nas questões de coisas a resolver externamente, principalmente neste período a qual me reservei para o TCC.

A toda minha família pelo incentivo e mesmo de longe dando suas parcelas de preocupações.

Aos professores pela didática repassada, pois assim me fez chegar até aqui e com seus conteúdos me levará adiante.

Ao meu orientador Bruno Gaudêncio pela paciência e ajuda, todo direcionamento e explicações, e principalmente por sua disponibilidade em me orientar.

A minha segunda mãe, a Marta por todo apoio, toda força, foi presente a todo momento me levando a ter plena certeza de que tudo haveria de dar certo.

A Gerson Paulino historiador e funcionário do Solar José Rufino, que tanto se disponibilizou em todas as oportunidades que o procurei, desde a entrevista a mim oferecida até os direcionamentos para tais recursos.

A toda turma por ser unida e esta sempre presente a ajudar aquele que estivesse em apuros sobre o curso. Sempre com apoios um ao outro.

A UEPB pela oportunidade dada, por todo suporte e em responsabilidade e cumprimento de todo desvelo, aos seus funcionários pela parcela de contribuição. Enfim, a todos o meu muito obrigado!

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: ..., tempo de espalhar pedras e tempo de juntar pedras” (*Almeida*, 2016, p. 742)

RESUMO

O Solar José Rufino trata-se de um casarão localizado na cidade de Areia Paraíba, erguido no ano de 1818 pelo marinheiro Jorge Torres, vindo de Portugal. Este solar está próximo de fazer duzentos anos e durante este tempo passou por vários proprietários e nos mais variados usos. Além do que construiu, destaca-se outra figura de cunho importante da cidade, o José Rufino de Almeida, a qual o Solar toma seu nome atualmente. O referente assunto por se tratar de uma relíquia do passado que faz parte da história local, trás consigo importante relevância capaz de ser protegido atualmente pelo IPHAN. Até o presente momento não se encontra trabalhos escritos específicos sobre tal espaço, então essa questão faz também de um interesse pessoal em desenvolver. Nosso trabalho pode ser inserido numa perspectiva da Nova História Cultural, numa confluência de conceitos e categorias, como patrimônio histórico cultural, lugar de memória e museu. Para se chegar a determinado fim usamos da oralidade através de entrevistas e de mais pesquisas de livros e estudo ao próprio Solar, confirmando assim e chegando ao ponto final de acordo com os conceitos neles trabalhados.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. História. Patrimônio. Solar José Rufino.

ABSTRACT

Solar José Rufino is a house located in the city of Areia Paraíba, erected in the year 1818 by the sailor Jorge Torres, coming from Portugal. This lot is close to making two hundred years and during this time it passed through several owners and in the most varied uses. In addition to what he built, another important figure of the city stands out, José Rufino de Almeida, to whom Solar presently takes its name. The referential subject, because it is a relic of the past that is part of local history, brings with it an important relevance that IPHAN currently protects. Up to the present moment there are no specific written works on such space, so this question also has a personal interest in developing. Our work can be included in a New Cultural History perspective, in a confluence of concepts and categories, such as cultural historical patrimony, place of memory and museum. In order to reach a certain goal, we use orality through interviews and more researches of books and study to Solar itself, thus confirming and reaching the final point according to the concepts worked on them.

KEYWORDS: Memory. History. Patrimony. Solar José Rufino.

LISTA DE IMAGEM

IMAGEM 1 – Arquitetura Matriz.....	25
IMAGEM 2 – Arquitetura Igreja do Rosário.....	26
IMAGEM 3 – Teatro Minerva.....	27
IMAGEM 4 – Fachada do Solar.....	36
IMAGEM 5 – Fachada do Solar.....	30
IMAGEM 6 – Fachada do Solar.....	47
IMAGEM 7 – Fachada do Solar.....	49
IMAGEM 8 – Documento pertencente ao TJ.....	51
IMAGEM 9 – Parte de trás do Solar.....	54

LISTA DE SIGLAS

IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ICOM	Conselho Internacional de Museus
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
TJ	Tribunal de Justiça
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
Pe	Padre

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: AREIA: PATRIMÔNIO DA PARAÍBA E DO BRASIL	19
CAPÍTULO 2: O SOLAR JOSÉ RUFINO: DAS ORIGENS A CONSTRUÇÃO DO CASARÃO.	30
2.1. Francisco Jorge Torres: O construtor do Solar José Rufino.	32
2.2. Origem e Construção do Solar.	36
2.3 Um novo momento que o Solar passa a viver.	38
CAPÍTULO 3: O SOLAR DE JOSÉ RUFINO: DO NOVO PROPRIETÁRIO AO TOMBAMENTO	39
3.1 José Rufino: “Último” Proprietário do Solar.	39
3.2. O Solar Passa para um Novo Proprietário: José Rufino de Almeida	45
3.3 O Casarão José Rufino vai a Hasta Pública.....	47
3.4. O Solar é Repassado Para Um Novo Uso.....	51
3.5 A construção como lugar de memória.	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar os usos do casarão José Rufino ao longo da história na cidade de Areia. Erguido em 1818, pelo marinheiro Jorge Torres, um português que havia chegado a Areia no despertar do século XIX, acabou se estabelecendo no povoado e criando conexões em torno do comércio, agricultura e criação de gado. O Solar foi o primeiro sobrado na vila¹, antes de sua construção, havia apenas um feito de palha em que se instalava a igreja² católica do centro de Areia, que por sinal se mantém no mesmo local até os dias atuais, mas a estrutura do solar era única. Nele contém trinta e três quartos nas quais doze formavam uma senzala erguida também pelo marinheiro que por sua vez se consolidou no comércio de escravos. Assim como todo monumento tem sua importância a cidade como representação de um passado que se tornou parte da historiografia local, por se tratar de uma cidade rica neste aspecto de um passado que se tornou conhecido e se perpetua em fazer parte desta história.

Este Solar hoje é popularmente mais conhecido como Casarão José Rufino, originalmente ele era conhecido como o Sobrado do Marinheiro Jorge, que o ergueu, e dentro da historiografia hoje como Solar José Rufino, o mesmo no ano 2018 completará duzentos anos. Antes servia de residência a seus proprietários da época. O Marinheiro Jorge foi o dono de boa parte que adentrava as ruas e sítios da região, segundo *Horácio de Almeida* (1958, p. 25) também foi o responsável em construir diversas casas de morada, armazém e instalações de beneficiamento de algodão em torno da vila. Mais tarde foi leiloado pelo segundo proprietário por sobrenome Chianca, até hoje essa família encontra-se pela localidade, posteriormente José Rufino de Almeida arrematou dessa família proporcionando assim numa reforma precisa, pois o adquiriu em ruínas, para ele não serviu de residência, além de ter sido usado também como comércio mais propriamente foi usado para o casamento de sua neta, adiante o comércio vindo a falir deixou de lado pois as vendas, e o

¹ ALMEIDA. Brejo de Areia: Memórias de um Município, 1958, p. 25.

² Hoje igreja Matriz da cidade consagrada a Nossa Senhora da Conceição.

casarão ficando apenas para receber suas visitas, pois era um homem de muitas amizades e relações sociais importantes. Ao passar do tempo após sua morte ficou para uma de suas mulheres em repartir de seus patrimônios, não para a esposa, mas para uma à parte.

O tema escolhido para trabalhar desperta curiosidade pelo fato do solar possuir 199 anos de existência, em bom estado de conservação, passado por algumas restaurações e mudanças, diante da sua importância para história local, pois este é incumbido de memórias e uma gama de fatos que nos propiciam “resgate” do passado, que se manifestam nos lugares de memórias, um recorte da história que está inserida na formação do centro da cidade de Areia. Permitem algumas inquietações: Por que até hoje está em pé e qual o objetivo de conservá-lo tanto? Quais os diversos usos daquele espaço e que políticas foram empreendidas com o objetivo de conservá-las as gerações atuais? Por se localizar em Areia na mesma cidade em que resido me dá um suporte em relação ao acesso na busca de fonte e embasamento da pesquisa, pois há moradores familiares de José Rufino de Almeida que ainda residem na cidade, e alguns livros que servem como fonte impressa na localidade, por se tratar de um longo espaço temporal as fontes se tornaram um pouco mais escassas.

As fontes usadas para se chegar ao objeto de conclusão são, a oral e a metodológica, todas com o máximo de veracidade e cuidado na responsabilidade de informações colhidas e analisadas a partir de comparações e confirmação com a própria família de uns dos proprietários do próprio solar José Rufino, e de acordo com os recortes históricos do mesmo momento. Além disso, foram usadas obras da historiografia local como Brejo de Areia, de *Horácio de Almeida* (1958), José Rufino Areia Paraíba, de *Antônio Augusto de Almeida* (1995), e *Bem estar e Riqueza no Brejo de Areia de Zélia Almeida* (2010), entre outros, todos relacionados a própria história de areia contendo recortes que abordam o Solar José Rufino.

O trabalho a ser realizado está numa perspectiva da nova história cultural, abarcando novos conceitos de temporalidades, com abordagens de autores que discutem a idéia de patrimônio, lugar de memória, museu e museu

casa, na qual será correlatos relacionados à história e a memória do casarão. A Nova História Cultural aborda uma revisão relacionada a conceitos historiográficos considerados antigos, trazendo de forma a serem repensadas e se tornando mais eficazes em suas assertivas, direcionada para a percepção de sentidos, ampliando-se as formas de ver o mundo.

Estamos vivendo em um período de contemporaneidade em que ganharam força os investimentos sociais nas tarefas de memória e ganharam também grande visibilidade a questão da musealização e a patrimonialização do passado principalmente por meio do poder público, o resgate do passado constitui no sentido de se perpetuar no tempo e encontrar seu lugar no passado. Segundo *Guimãlhães* (2007) a cultura modernista que se constitui a partir de investimentos no futuro como um tempo de realizações sofreu a partir do anos 1980 virada a uma direção o que denomina “passados presentes”. Contempla-se dentro da modernidade aparatos e trás uma história passada através de diversas formas, sejam ouvidas por um determinado relatos ou vistas em algum tipo de monumento, sejam eles casas, objetos, lugares, todas trazendo consigo conceito de memória. Nesse caso trata-se de um lugar de memória onde o Casarão José Rufino se reinventou diante dos contextos históricos no aspecto de ressignificação de lugar de memória. Esta continua a intrigar, a ocupar, de certa forma um lugar sagrado na constituição do homem, tanto com relação a histórias de vida quanto a grupos e sociedades. (BRAGA, 200, p.14).

Segundo as discussões de *Choay* (2006, p. 26) em *A alegoria do patrimônio*, o monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo, relacionam de maneiras diferentes, como memória viva e o seu valor para o passado. Diante dessas prerrogativas em que determinados esquecimentos, o desapego e a falta do uso causa uma destruição deliberada. O Solar José Rufino tem ocupado um espaço especial na história de Areia, atualmente trás consigo uma gama de acontecimentos que adentram e atingem a vida de diversos nomes de cunho importante e de influencias na cidade, sendo um monumento que faz voltar a época.

Para o ICOM, o Patrimônio Cultural está relacionado a monumento na qual podendo ser obras de escultura, arquitetura ou pinturas, que por sua vez ocupam determinado conceito em razão de sua própria escultura. Por si só, Patrimônio relaciona-se a “um bem público cuja conservação deve ser assegurada pelas coletividades, quando não é feita por particulares” (2007, p, 75). O Solar a esta razão de Patrimônio Cultural no presente momento é um bem além de ser privado pertencente ao TJ, no entanto foi repassado através de um empréstimo à prefeitura para que assim servisse como um bem público, e como o Patrimônio Cultural é em uma perspectiva sempre de algo direcionado através de uma herança, sendo uma junção dos testemunhos comuns a sociedade, em ter sido repassado de parentes aos parentes das famílias respectivas até a atualidade como memória que representa.

A lembrança que trás consigo, o Solar mesmo através de falas de terceiros sobre seu passado histórico, pode refletir também detalhes que ficam no esquecimento, no entanto o que é lembrado é suficiente para fazê-lo trazer ao presente momento tamanha história que carrega, pois *Nora* (1993, p. 3) afirma que “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente;”, ela é um absoluto, relacionada tanto a memória coletiva quanto a individual.

O lugar de memória nasce e vive de sentimento de uma memória lembrada, para Pierre Nora esse lugar deve ter suas marcas, seus sentidos, seus significados, suas ideologias, enfim, é preciso ter suas revelações em si de tal fato, de tal passado (1993).

O lugar de memória se compõe de restos, habitando nela uma noção de comemoração de uma história passada. Os marcos testemunhas de outra outro momento, está imanada no lugar de memória refletindo uma alusão de eternidade. “E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não seriam lugar de memória.” *Nora* (1993, p.7). Há uma necessidade do uso da história relacionado ao lugar de memória, em que abarca sentimentos refletindo em atos de refazer através do pensar, do imaginar.

Um dos conceitos que passaram a fazer parte da Nova História Cultural, é a questão da representação sendo esta a categoria central da história, é reconstruir algo passado, explicando ao mesmo tempo dando sentido ao representado. *Pesavento* (2007, p.21) conceitua “Representar e, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença.” Não sendo uma cópia do real, mas uma representação dela.

A proposta da História Cultural de *Pesavento* (2007, p.22) “é decifrar a realidade do passado por meio de suas representações”, por meio de fontes que possam representar, o parecido de forma que traga a alusão do próprio ocorrido. O casarão José Rufino pode-se considerar uma representação do passado relacionando o lugar de memória que mostra ser hoje, no entanto com uma perspectiva mais abrangente, em relação a isso incluindo misturas relacionadas ao seu uso, a importância do seu valor arquitetônico e todo aparato que o torna histórico é preservado, o deixando sensível a sua realidade a fim de trazer visão do passado ao presente momento contemplado.³

Os sinais se restabelecem através da representação do registro para que assim seja visualizado o passado fato em um presente, “A rigor, o historiador lida com uma temporalidade escoada, com o não visto, o não vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até ele.” (2007, p.23). Essa temporalidade escoada, *Pierre Nora* (1993, p.1) aborda em ser um momento particular da história no alvo de curiosidade quanto a lugar de memória que representa, em que a articulação de um pensamento em lacunas que fica entre o presente junto com um sentimento de memória em pedaços, essa memória em pedaços ainda assim é suficiente para se representar o passado.

Outro fator importante que esta dentro dos conceitos da Nova História Cultural com *Pesavento* é a questão do Imaginário, remete “um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em

³ Pierre Nora (1993)

todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (2007, p.23). Toda a formação arquitetônica que torna o casarão histórico se articula a uma visualização da imagem fazendo tornar ao passado e ao mesmo tempo tentando vivenciar o que o imaginário venha a oferecer com todos os sinais e idéias que possam ser perceptíveis.

O tombamento do Solar José Rufino está interligado a uma perspectiva da História Cultural na busca das representações do passado, em que essas representações são apresentadas a partir de uma proteção por parte do IPHAN. Assim como a imagem tem valor documental para o historiador de época estabelecendo uma idéia de representação, o casarão carrega consigo esse valor como documento guardado nele por 199 anos. As identidades fazendo parte também da História Cultural está ligada a uma construção simbólica do sentido e valores na resignificação do passado.

Hobsbawm (1997) aborda que as tradições reinventam trazendo o passado modificado, reiterando, ampliando, criando um novo a partir do velho, assim como o Solar passou por várias restaurações para se adaptar ao novo dono e até mesmo necessária por ter entrado em ruínas por duas vezes. “Através da criação de um passado antigo que extrapole a continuidade de um passado histórica real seja pela lenda” (p. 8). Não permitindo, pois que a essência do passado fique perdida a partir de uma inovação, mas que haja uma inovação histórica, onde a mesma história passa se manter com a mesma, embora como aborda *Nora* que a história é colocada sempre em cheque, é sempre indagada e analisada, está sempre no campo na dúvida buscando a veracidade da própria. (2003)

A ruptura trás consigo um movimento de continuidade histórica e da tradição, com a quebra que os acontecimentos históricos sofrem ficam algo esquecido no passado e uma versão atualizado no presente deste passado, sendo modificado. *Hobsbawm (1997)* trata os movimentos inovadores relacionados aos ritos tradicionais, *assim como Nora (1993)* trata em conceito da memória com as continuidades que representam o passado, como exemplo as datas comemorativas, para relatar suas identidades.

“Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas é refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado, a memória não é sonho, é trabalho.” (BRAGA, 2000, p.54) a tarefa de reconstrução do passado se insere nesses lugares de memória, em que as lembranças se tornam coletivas e até mesmo individuais. Os diversos usos do Solar estabeleceram uma conexão entre o passado e o presente diante do imaginário social, em uma perspectiva do passado que reflete no presente através do cenário que oferece.

Como lugar de memória nasce e vive de acontecimentos que carrega sobre si um simbolismo, Yara Aun (2013) afirma que, “se a história não se apoderasse deles para deformá-los, para transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória”. O Solar José Rufino ao longo dos anos trás consigo não só uma memória mas como também uma vasta história, que vai dos seus tipos de usos ao que se adaptou até as figuras históricas a qual passaram a ser seus proprietários, até mesmo serviu para guardar uma coleção até o ano 2013, então em sua memória e história o Solar denota suas multiplicidades no que se refere a seus usos.

Segundo *Pierre Nora* toda memória tem um lugar, pois ela não podendo ficar presa na mente, está relacionada a um ponto fixo de espaço a qual abarca determinado passado. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.” (1993, p. 3)

Pollack afirma que os ocorridos pessoalmente do indivíduo ou até mesmo coletivos são elementos constitutivos da memória, para ele existe vários elementos que o forma, outro meio que destaca relaciona-se a uma lembrança capaz de tomar o cenário e ser lembrado em continuidade, assim conseqüentemente fazendo parte da memória, em exercitar da própria memória. (1992)

Enquanto *Nora* (1993) diz que não há memória sem lugar, *Pollack* (1992) afirma que a memória é sobretudo constituídas por pessoas. Estão interligadas entre si, uma não pode de deixar de existir para evidenciar a outra, são completudes. O mesmo Pollack trata também o lugar de memória como

lugar de lembranças, lugar que pode trazer a tona algo ocorrido no passado capaz de fazer lembrar com certa importância, podendo tanto fazer parte da memória individual quanto essa relacionada ao tempo.

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecida direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. (POLLACK, 1992, p. 202)

São três critérios norteadores que leva a uma memória e lugar de memória, as identificam como tal, estão imanadas nesse espaço.

É notória a existência de um interesse próprio e curiosidade de conhecer mais a fundo este tão importante Solar para a população e história de Areia, e analisar o fato do uso do próprio em suas múltiplas funcionalidades em que se constituiu de moradia, comércio a lugar público. É importante salientar que não se encontra trabalhos de relevância apenas sobre o solar, encontra-se sim contidos em livros que tratam de outros assuntos referentes à cidade, se fez necessário realizar uma contextualização da história que venha servir de embasamento sobre este objeto histórico de tamanha importância que carrega há décadas.

Seus donos pelo o qual passou cada um têm um histórico representativo na cidade, com sua contribuição, seus sobrenomes até hoje são conhecidos, por seus empenhos, suas capacidades de crescimento e olhar focado em um futuro.

Na referida monografia ficou dividida em três partes, onde na primeira situamos e relatamos sobre a cidade de Areia, na segunda uma breve biografia sobre o construtor, a origem do Solar de outro momento que chega a passar, e por fim na terceira trata-se de uma época que vai de um novo proprietário até onde é levado à lugar de memória.

CAPÍTULO 1: AREIA: PATRIMÔNIO DA PARAÍBA E DO BRASIL

A cidade de Areia não se sabe ao certo quando foi constituída, podendo ter sido por volta do ano de 1700, entre o fim do século XVII para o

início do século XVIII. Considerada pertencente “ao grupo das cidades que se exauriram num passado de lutas e glórias, sem mais forças no presente para deixar tradição ao futuro” (ALMEIDA, 1958, p.5). Segundo o historiador, a cidade não oferecia muita coisa, a não ser um lugar ao sol, humilde e sem história.

Areia surgiu a partir de um curral feito as margens da estrada em um sítio para abrigar os gados que vinham do sertão em direção aos mercados do litoral, este curral erguido pelo Pedro Bruxaxá, em sequência após este curral ao lado dele começou a ser erguidas moradias, “As primeiras casas seriam, a rigor, mocambos de sapé ou palha de pindoba⁴” (ALMEIDA, 1985, p.11), “As choupanas guardavam o mesmo aspecto de sempre...Tinham por dentro a mesma pobreza que as outras...”(GOMES, 2013.p.37). Segundo os autores nesse período ainda não existiam pedreiros ou oleiros, eram feitas na mais simplicidade da época, somente mais adiante quando a riqueza começou a circular pela região que as casas eram feitas de uma qualidade melhor, de taipa real ou até mesmo de alvenaria⁵.

Por se tratar de uma região de grandes relevos, com muitas ladeiras, descidas e terrenos muito inclinados, as habitações passaram a se adaptar a essas condições. Torna-se um pouco difícil determinar quais foram os primeiros a colonizar ou até mesmo determinar um chefe ou um grupo no qual teria liderado a ocupação no território. Em pouco tempo o povoado começou a crescer e se espalhar pelos terrenos inclinados, de situações precárias, como havia muitas brigas entre eles ficaram conhecidos como Rua do Grude⁶, no entanto, como o crescimento ocorria de forma rápida se tornou a cidade que hoje é na atualidade.

Então “Das estacas do curral uma teria brotado e crescido, constituindo-se a testemunha silenciosa da cidade que vira a nascer” (ALMEIDA, 1985, p.12), o curral que se tornou uma simbologia capaz de transformar um local de terra “sem ninguém” pra torná-la em uma vila e

⁴ São moradias construídas artesanalmente, a partir de técnicas e matérias primas locais. Na maioria das vezes são de frágeis constituição.

⁵ Considerado tipos de casa de boa qualidade na época.

⁶ Atual Praça José Américo de Almeida, localizado no centro da cidade.

posteriormente se constituir como cidade. Estaca essa seria uma planta chamada Gameleira, como foi o Pedro Bruxaxá que fez esse curral, não se sabe ao certo se ele o fez a sombra dessa Gameleira ou se ela nasceu depois do curral já erguido. Em 1760 segundo as cartas das Sesmarias, Areia era conhecida como Sertão do Bruxaxá⁷, mas em 1770, dez anos depois já recebera o nome de Areias, outra denominação que também recebera foi Brejo de Areia.

A cidade enfrentou diversas dificuldades, desde as suas condições geográficas de terras muito inclinadas até as mais situações que a assolavam, por ser considerada desprezível inicialmente, apenas no começo do século XIX é que começou apanhar os primeiros acontecimentos da história local, pois antes disso sua história ficou no esquecimento, a preocupação se restringia apenas em explorá-la, isso quando resolvera extrair dela, pois estava entregue ao esquecimento por muito tempo, onde suas terras foram achadas por moradores de Mamanguape.

Em 29 de junho de 1813 a freguesia de Areia fora criada ainda por provisão sobre o patrocínio de Nossa Senhora da Conceição, não se sabe quem foi o primeiro vigário, pois o livro de tombo da paróquia se perdeu. Em 18 de maio de 1815 foi nomeada com o nome de Vila Real do Brejo de Areia, mas efetivando em 1818 com a presença do Ouvidor Geral, o André Pereira Cirne. Depois de ter se tornado vila, viria agora à necessidade de se constituírem poderes para comandar a vila, assim foi feito, então foi determinado vereadores, juiz e governador da capitania. Nessa época faziam parte da Vila Real do Brejo de Areia as povoações de Alagoa Grande, Bananeiras, Guarabira, Pilões, Cuité e Pedra Lavrada.

Destacam-se figuras que carregam sobre si um signo responsável pela evolução da cidade, pelo esforço, empenho e investimento. Jorge Torres é um dos que fazem parte desse desenvolvimento, sendo considerado um dos

⁷Bruxaxá- Palavra indígena que significa terra onde canta a cigarra.

que colaborou nessa obra de progresso em Areia, como também Joaquim Gomes,⁸ entre outros.

Areia situa-se a 622 metros de altitude da banda oriental da Borborema, com 630 quilômetros quadrados, pequena por sinal e suas estações consideradas normais, obviamente pela sua altitude destaca-se tempos frios. André Rebouças em 1864, um engenheiro, afirmou de se sentir em Paris relacionado ao tempo frio que sentiu na época. “A cidade se cobria de névoa a tal ponto que estando uma pessoa na janela de sua casa não distinguia quem passava na calçada.” (ALMEIDA, 1985, p.49). Ao passar do tempo com o desmatamento, as suas matas por serem bem dotadas por boas madeiras entre elas o pau-d’arco, o clima mudou, a temperatura começara a aumentar, e até seus rios sofreram com tal atrocidade.

Na região dos morros se destacavam árvores altas, florestas verdes, na região de baixo os partidos de cana coloria a baixada, ficavam em uma região de várzea de massapé entre córregos de águas correntes, solo rico que por sinal foi suficiente para que a cana de açúcar de desenvolvesse economicamente, se tornou integrante da cultura de Areia, antes de seu cultivo no local também se desenvolvera o algodão, o café e o agave. Seu clima quente e úmido com chuvas constantes e bem distribuídas desde o agreste ao poente rendia colheitas no tempo de estiagem.

Areia foi um território bem vasto, pois municípios como Bananeiras, Guarabira, Cuité, Alagoa Grande, Pilões, Serraria, Arara e Remígio, faziam parte de suas espacialidades, saíram pois se desmembrando deixando em um diminutivo presente da época. Areia passou a ocupar a segunda comarca quando a província da Parahyba fora dividida em três no ano de 1833, e em 1846 pela Lei n.º 2 de 18 de maio foi estabelecida como cidade. Crescia sua população e sua riqueza era próspera, seu comércio se destacava na região, suas terras produziam rapadura, azeite, farinha de mandioca, algodão, aguardente, açúcar, fumo, cereais e o café. Em 1817 se destaca o algodão com riqueza para o povo, sendo a base da vida econômica, por volta do meado

⁸ Membro da Câmara Municipal em 1822, era pai do padre José Apolinário da Silva, estes dois irmãos pois que se contrastavam pela disposição de espírito.

do século passa a se destacar como economia do povo a cana de açúcar, “Em 1888 monta-se engenho a vapor no município ”*Almeida* (1985, p. 35), o dono do engenho Jussara, o Manoel Gomes da Cunha Melo sendo o autor desse empreendedorismo, seguindo outros no Saboeiro de Arcanjo Cabral e em Novo Mundo do Dr. Cunha Lima.

Areia faz parte de uma imensa conquista que é a abolição da escravatura em 1888, sendo a primeira cidade com fins abolicionistas, ressalta *Sabrino* (1958. p.64) “antecipou-se em dez dias à promulgação da Lei Imperial de Liberdade”, sendo o Manuel José da Silva Junior⁹ o responsável pela inspiração do tão importante movimento.

A cidade foi se desenvolvendo, por horas estava no desenvolvimento e em outras em perdas por alguns motivos, no entanto, nada foi suficiente para que a pudesse enterrar e nem colocá-la pra trás de uma vez, imbuída sempre em políticas que passaram a fazer parte de sua história a partir de sua emancipação, e assim Areia foi se tornando no que a encontramos hoje, cheia de memórias e histórias, contidas nelas figuras importantes que se destacam dentro da historiografia atual, como o José Américo, Pedro Américo, Álvaro Machado, Tito Silva, João Machado, Coelho Lisboa, Horácio de Almeida, Rodolfo Pires, entre outros.

A história que hoje abarca a cidade de Areia vai além do imaginário de um mero passado, trás uma memória arraigada que reflete tamanha importância na história do município, que por alguns momentos são manifestadas através do cultural e do artístico, nisso vivendo sua beleza natural, por isto passa a ser a “Terra da Cultura¹⁰”. Hoje ela abarca aproximadamente 30.000 habitantes. *Almeida* retrata a importância que a cidade reflete em citar que “Qualquer indivíduo, nascido em Areia, reforça os traços e complexos culturais, realizações e história. Ser areiense tornou-se um estado de espírito.” (2013.p.173)

⁹ Um farmacêutico areiense que também teve sua participação no desenvolvimento da cidade.

¹⁰ Passou a ter essa denominação pelo reconhecimento cultural do espaço e intitulado pelo IPHAN.

Sua estrutura arquitetônica colonial/imperial que faz parte de sua história hoje é protegida para que faça parte de sua cultura, a cidade com este intuito passou a ser tombada no ano de 2006, para que seus monumentos e sua fachada sejam permanentes suficientes para tratar a cidade histórica que é.

A arquitetura é vasta, se encontra nela diversos casarões como o Solar José Rufino o nosso objeto de pesquisa, a Igreja Nossa Senhora da Conceição, O Quebra¹¹, o Teatro Minerva¹², o Colégio Santa Rita, a Igreja do Rosário dos homens pretos, a Escola da Agronomia (atual UFPB), entre outros lugares de memória que representa a cidade de Areia. Zélia Almeida destaca a igreja da Conceição:

A Igreja da Conceição, imponente, no mais alto local da cidade. Uma torre bela, pontuda e pontiaguda. Era larga em baixo. O acesso pelas belas escadarias, nas cores laranja e branco. Sua potência arquitetônica, muitos aos toques do chamado do sineiro de Matriz- Zé Bury- fazia e impelia o apressamento dos habitantes religiosos católicos. (2010.p.149)

No mesmo local que se tornou a igreja da Nossa Senhora da Conceição, havia uma capela com esta mesma invocação divina, capela esta construída antes dos anos de 1800, em um terreno doado por Bartolomeu da Costa Pereira. Relacionado ao ponto de vista arquitetônico era apenas um casarão de palha fixada no meio da rua, se destacava por ser o único no local. Por volta de 1808 passou por uma pequena reforma trocando a parte da cobertura, que foram tiradas às palhas e colocadas telhas, isso por uma iniciativa tomada por um Vigário de Mamanguape.

Entre 1813 a 1834 passaram os respectivos responsáveis por esta fé na capela, Frei João de Santa Tereza, Pe. Antônio José de Brito, Pe. Manoel Cassiano da Costa Pereira e Pe. Gonçalves de Medeiros. A partir de 1834 outro padre foi empossado, o Pe. Francisco de Holanda Chacom, que tomando posse regeu a paróquia por 52 anos, seu sucessor foi Pe. Sebastião de Almeida Pessoa, e entre 1888 a 1912 regeu o Vigário Odilon Benvindo de Almeida e Albuquerque. Só que em 1835 o Pe. Francisco de Holanda Chacom,

¹¹ Um baunheiro ecológico com lugares para banho de água natural.

¹² É o primeiro espaço do gênero na Paraíba.

o já citado fez uma reforma na Matriz, e o Odilon bem Vindo também já citado praticamente fez uma nova igreja, com uma grande reforma que arquitetou, no entanto com a preocupação de deixar o valor artístico que traria do passado.



Figura 1 Fachada da Igreja Matriz. 2017.

Fonte: acervo próprio da autora.

A Igreja Matriz detentora de uma bela arte em seu teto. O Pe. Ruy Vieira em 1959 convidou dois grandes artistas internacionais para dotar a igreja com imagens que tomara 130 metros, formado assim por três painéis cada um com sua representação, que justamente o José Rufino de Almeida gostava de apreciar quando ia à missa. Essas representações se relacionavam a Assunção, a Glorificação das Virgens e a terceira que lembra a Medianeira. Atualmente essas imagens perduram chamando a atenção dos que até ali chegam, se torna uma atração.



Figura 2 Fachada da Igreja do Rosário. 2017

Fonte: acervo próprio da autora

Igreja do Rosário, erguida por gente de cor e para este determinado fim relacionado à sua especificidade de participação nas missas, pois era a igreja que os negros podiam adentrar para fazerem suas rezas. Uma das igrejas mais antigas também da Paraíba. Teve sua construção iniciada no século XVII, no entanto sua conclusão demorou para ser realizada, somente em 1886 que veio ao término.



Figura 3 Teatro Minerva. 2017.

Fonte: acervo própria da autora.

O Teatro Minerva de primeira instância era chamado de Recreio Dramático pelo fato de ser considerado uma casa de espetáculos, construído por um grupo de idealistas em 1857, cujos a frente estavam Joaquim da Silva e José Evaristo da Cruz Gouveia, que por sinal são considerados intelectuais que tiveram suas presenças marcantes no campo sócio-cultural da segunda metade do século passado.

Esse grupo era formado por sessenta sócios nas quais cada um contribuía mensalmente com cinco mil reis. Quando erguido e intitulado Recreio Dramático não foi com o objetivo de construir um teatro, mas como naquele tempo a diversão era apresentações teatrais, assim foi feito para este fim.

Foi o primeiro teatro da Paraíba, inaugurado em 1958 com capacidade para 250 pessoas apenas, na época também passou a funcionar nele o mais antigo cinema da cidade sobre a direção de Jaime Cabral. Passou por uma grande reforma, mas não foi tocado no seu gosto arquitetônico, seus assentos aumentara para 53, no seu interior esses assentos ocupam uma parte no térreo, nas laterais e outra parte em cima dessas laterais. Toda sua fachada foi e está sendo preservada, sendo um patrimônio riquíssimo por seu tempo de

construção e por marcar a historiografia da Paraíba. É um monumento que atrai todo público visitante da cidade com intuito de conhecer as belezas históricas contidas nela.

O Quebra era um simples sítio, porém com sua riqueza natural de água mineral e imensos bambus contornando, além também de uma pequena floresta que a envolve. Em 1885 pois uma visão por parte de um artista a tornou em um balneário na cidade.

Atualmente encontra-se no “esquecimento”¹³, em ruínas, está entregue as lembranças nas quais é guardado o tempo que estava a servir a população da cidade e quem mais quisesse usufruir dele. Existe projeto para sua revitalização, porém até o presente momento só está no papel.

Areia apesar de ser uma cidade pequena dispõe de três museus: o Museu Casa Pedro Américo, Museu da Rapadura e Museu Regional de Areia.

A casa Pedro Américo por sua vez, outro monumento histórico da cidade, que toma o nome de quem se trata a história. Abrigando pois a história de Pedro Américo de Figueiredo, onde o próprio nascera, podemos encontrar nela objetos de seu próprio uso e como também de suas artes feitas a mão. A casa é dividida em duas partes, duas salas, uma contendo esses objetos e a outra contendo um pequeno acervo de livros e cartas deixados por Pedro Américo. Um museu, pois que abriga nele uma história relacionada a esta importante figura da cidade, pelo fato de ter feito parte de sua vida como moradia, isso o torna referência de museu que é, onde Sobrinho (1958, p. 79) afirma “ficou assim como o ponto de referência para a curiosidade de visitantes e turistas”.

O Museu da Rapadura fica localizado na UFPB - Campus II Areia (PB), no antigo Tanques do Jorge, nele está a responsabilidade de guardar a cultura em relação a cana de açúcar da época que fazia parte da economia local. Um anexo que faz parte desse acervo relacionado a esta produtividade, se encontra também uma casa-grande na mesma localidade, nela pode-se

¹³ Presente na história da cidade como um ponto turístico.

encontrar objetos de uso para esse determinado fim, além também de documentos que revela esse histórico e usos do local, foi construída em 1843, só vindo a funcionar como museu na década 1990.

Em 1979 foi delimitada como área de preservação, na parte do engenho funcionou o primeiro motor a diesel como também o primeiro modelo a vapor, se encontra moendas tanto a vapor como também por força animal. Na casa grande, anexo do engenho está documentado todo o processo produtivo da rapadura e da cachaça que era da época.

O Museu Regional, construído em 18 de maio de 1972 pelo Cônedo Ruy Barreira Vieira juntamente com outras identidades, preocupados pois para que a história da cidade fosse registrada, não ficasse perdida no tempo sem nenhum registro. O Pe. Luiz de Moura fez parte em contribuição desse agrupamento em desenvolver este espaço, pois coletou parte do acervo arqueológico existente nele. O objetivo então dessa construção foi para zelar pelo acervo histórico e cultural da cidade, além de despertar ao público de tal história mostrando suas importâncias, difundindo sempre planos e projetos para que assim o objetivo fosse sendo efetivados.¹⁴

Abriga nele aparato referente à história de Areia, entre livros e objetivos relacionados para tal. Foi reconhecido como utilidade pública pela Lei nº 3.870 de 8 de dezembro de 1976, pela Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba, e pela Lei nº 147 de 4 de outubro de 1973, pela Câmara Pública municipal .

O museu foi reinaugurado em 3 de fevereiro de 2012, isso depois de ter passado por uma grande reforma, pois permaneceu em ruínas por um tempo, continuando assim com o mesmo objetivo a qual foi erguido.

Importante ressaltar que a maioria dos monumentos históricos de Areia antes de tomarem uma posição historiográfica passaram por enormes degradações, entraram em ruínas. Depois de reconhecidos sofreram

¹⁴ Importante ressaltar que se enfrenta problemas de conservação de documentos nesse espaço, por vias de degradação através da falta na íntegra de cuidados especiais necessários.

restaurações que assim os permitem presidirem até os dias atuais e com a importância que carregam sobre si.

O conjunto histórico paisagístico de Areia foi tombado pelo IPHAN no ano de 2006, foram considerados quatro requisitos para que passasse por este processo: o valor histórico, urbanístico e paisagístico, pela participação das revoluções acontecidas no século XIX, o valor considerado remanescente arquitetônico dos séculos XVIII e XIX, e por fim a paisagem natural que a forma. Cerca de 420 imóveis fazem parte desse tombamento.

Entre alguns pontos históricos que já foram abordados, porém Areia dispõe de um acervo riquíssimo relacionado à sua historiografia, que vai dos pontos turísticos até o lugar de memória que representa, assim será debatido na continuidade do trabalho mais um desses pontos que faz parte desse seu acervo, que se trata do Solar José Rufino. Será apresentado assim em seus mínimos detalhes nas quais desde a sua construção até os usos do próprio nos dias atuais.

CAPÍTULO 2: O SOLAR JOSÉ RUFINO: DAS ORIGENS A CONSTRUÇÃO DO CASARÃO.

2.1. Francisco Jorge Torres: o construtor do Solar José Rufino.

Francisco Jorge Torres, mais conhecido como o marinheiro Jorge, recebia este título de marinheiro pelo fato de naquela época todos que tinham a audácia de atravessar o mar ficariam conhecidos por este título, quando na verdade sua profissão era marceneiro, trabalhava com madeiras, apesar de uma pequena e simples profissão, mas o olhar de grandeza morava dentro de si, saiu de suas terras, no caso de Portugal e veio para o Brasil, pegou tudo o que tinha e atravessou o mar resolvendo assim conhecer novas terras, a investir e crescer como homem de posses e poder, e assim fez e se tornou. Chegando aqui começou a mascatear na feira, mais propriamente no porto de Recife, de lá fez uma ligação com Goiânia-GO, e assim começou a crescer sua fortuna. Depois que atravessou o mar saiu desvendando o Brasil, a procura de um local para investir o que já tinha conquistado e se instalar construindo assim seu local de trabalho e moradia, ao sair nessa procura encontrou no interior da Paraíba, pois ali ele viu terra fértil, um riacho e plantações, nesse olhar dele podem alcançar que ali poderia ampliar seus negócios, estaria em um local propício para tal.¹⁵

Ao se deparar com Areia em uma época que não se tinha nada do que podemos alcançar com os olhos hoje, vazia formada por apenas pequenas e frágeis moradias feitas de palhas, foi preciso apenas ele ver naquele local gado, lago e tapumes, foi em uma época que Areia estava começando a se formar com poucas moradias como já citado, inclusive encontrou um casarão que se instalava um local de cristandade, era a igreja da matriz que até hoje se perdura no local, importante ressaltar que na estrutura que o marinheiro Jorge fez o Solar até então não se existia na época, sendo uma estrutura de casarão, de sobrado, de moradia e de casa de comércio, foi o primeiro, que muitos por não saber dizem que ele construiu a primeira casa, isso é uma inverdade, já se existia sim, pois a freguesia de Areia foi criada em 29 de junho de 1813, ou seja, cinco anos antes de Jorge chegar ao local.

¹⁵ Informações colhidas do livro Horácio de Almeida (1985).

O marinheiro Jorge teve o objetivo de erguer esse Solar para três tipos de usos, o primeiro seria como moradia, pois morava na parte superior da casa, para comércio, pois colocou vendas, e o terceiro seria para criação de gente escrava, pois na parte dos fundos do casarão foi construída também uma senzala. Ele era o homem da época que tinha o maior número de escravo, quem tinha cem escravos naquela época era considerado como maior proprietário de gente de cor, e Jorge, pois assim tinha essa quantidade de cem escravos, se destacava também na criação de gado e na agricultura.

Além também dos anexos do casarão que ele foi construindo posteriormente, como o engenho Macaíba, o engenho que era denominado Tanques do Jorge localizado entre Areia e Barra de Santa Rosa e a grotta do Bonito e do Pirunga, todos eram pertencentes a Jorge Torres, naquela época como não existia calçamento ou qualquer tipo de infra-estrutura, a entrada de Areia era pelo beco que hoje se denomina Beco do Jorge, dá entrada para uma das ruas da cidade, fica ao lado da panificadora que hoje é instalada em uma casa ao lado do Solar, do lado direito, que dantes também pertencia a Jorge Torres. Essa por sua vez foi construída para desroçadeira de algodão, uma empresa de beneficiamento, entre outras estalagens de beneficiamento que construiu. Então assim ele consegue construir seu império, o seu poder aquisitivo e econômico. Desse casarão ele conseguiu construir o restante dessa vila, saiu desenvolvendo com suas construções e comércio o centro que hoje fica a cidade, Jorge Torres pois teve o prazer de fazer parte desse crescimento.

Sua obra mais caprichada foi, sem dúvida, a fazenda tanques do Jorge, a poucas léguas do povoamento, nos limites do agreste com Curimataú. Ali realizou trabalhos notáveis em cantaria, casa, curral, curtume, fornos de cal, tanques, cercados e até uma barragem com bebedouro para gado, tudo em obra de alvenaria tão sólida que nem a ação do tempo foi capaz de destruir. (ALMEIDA, 1985, p.25)

A fazenda Tanques do Jorge teve uma imensa importância na sua vida, pois foi responsável também por parte do capital que passara a ser sua fortuna, e hoje a deixa do seu sobrado representa também um dos seus grandes feitos da época, uma memória e tanto.

As descendências subseqüentes de Jorge foram assumindo o papel de proprietário do Solar. Como naquela época os beirais informavam o poder aquisitivo que os proprietários tinham, Jorge Torres usou dessa técnica, mas de forma mais discreta, geralmente os beirais eram colocados de forma expostas na frente das casas, se três beirais já identificavam um grande poder assim também como dois, o quarto então nem se fala, que seria o caso do marinheiro Jorge, tinha um fortuna ao ponto de usar o quarto beiral, colocando assim na parte interna inferior da casa. Era um homem de possuir muitas terras, isso com extrema de Alagoa Grande, extrema da Barra de Santa Rosa, e com Remígio, que esses locais se formavam em fazendas e engenhos derivados da cana de açúcar, como se sabe que existiram três ciclos, a da cana de açúcar, a do café e o do algodão, todos eram buscados por Jorge em investir em algo, tinha sempre uma visão de crescimento.

Jorge Torres concorreu ao cargo de capitão-mor em Areia¹⁶, então existia uma lista tríplice que ia ao crivo do imperador da época e o ouvidor geral da Capitania da Paraíba, da Capitania do Pernambuco era o André Alvez Pereira Ribeiro Cirne, e André veio pessoalmente a Areia para acompanhar a eleição do capitão Mor, que ao chegar a Areia ficou hospedado no sobrado José Rufino, que na época é óbvio que pertencia ainda ao marinheiro Jorge Torres, a convite pois do próprio.

Para ser capitão mor da época tinha que ter poder econômico, poder social, tivesse já feito alguma feitura pela vila, e tivesse letras, isso se estudasse ou se apenas assinasse o nome. Concorreu pois a este cargo Francisco Jorge Torres, o Bartolomeu da Costa Pereira e o José Alves de Lima, e desses três o que mais preencheu os pré requisitos foi o Bartolomeu da Costa Pereira, pois este era um homem de posses, mas ele ao contrário de Jorge Torres, foi quem construiu a primeira cadeia pública de Areia, ele quem doou o terreno para construção onde hoje é a igreja matriz da cidade, também doou um terreno para a construção do cemitério, e ele tinha a proeza pois conseguiu levar um filho para se tornar sacerdote, e tinha letras, era estudado.

¹⁶ No ano de 1818 quando Areia se intitula vila e recebera o nome de Vila Real do Brejo de Areia, passando assim a necessidade de um capitão-mor para governar o município.

Jorge Torres tinha toda essa ênfase, toda ostentação pra época, construiu o sobrado entre outras casas, fez melhorias na vila, tinha poder aquisitivo, poder social, mas não tinha letras, então o que fez ser reprovado para tal cargo foi esta falta do estudo, não sabia nem assinar seu nome, com isso da lista tríplice foi escolhido o José da Costa Pereira, pois este sim reunia todos estes atributos que eram precisos para o império brasileiro. Jorge Torres também cometeu uma garfe, por que ao instalar André Cirne e a esposa no casarão, ele tentou comprar André Cirne através da esposa do André, oferecendo jóia a esposa do chefe do ouvidor geral para tentar ser o escolhido desta tríplice, mas não adiantou sua tentativa, o eleito foi o Bartolomeu da Costa Pereira que virou o capitão mor.

Aconteceu um ocorrido com o marinheiro Jorge, podendo-se dizer assim um pouco irrisório, depois de ter construído e casarão e se organizado na cidade de Areia, lembrou, pois que tinha deixado sua noiva em Portugal, precisava voltar para casar e buscá-la, ao chegar lá descobriu que sua noiva tinha pavor de navios a ponto de fazê-la desistir de casar ao pensar que teria de atravessar por cima das águas, o marinheiro Jorge não se preocupou muito quanto a isso, pois pegou sua cunhada que topou atravessar o oceano com ele que trazendo a casou-se, então assim ele casou com a Maria Franca Torres, que veio vim ser a senhora torres aqui em Areia. Já que a prometida não deixou de lado seus medos para que assim pudesse se casar com seu prometido, sua irmã, pois teve essa audácia. Então o marinheiro Jorge junto com sua esposa a Maria Franca Torres construíram tudo o que hoje se sabe sobre sua história.

Então com toda esta história nos trata da grande importância que o marinheiro trouxe consigo para Areia, seu desejo de crescimento e investimento de sua própria vida que indiretamente repercutiu e refletiu para crescimento e desenvolvimento da cidade, que até hoje através de todos os seus feitos em vida podemos contemplar e tendo um simbolismo de tal modo, tal fato, tal lugar.

Jorge Torres é sepultado em 1852 no cemitério da própria cidade de Areia, onde podemos encontrar sua lápide, não se existe nenhum registro em

livros que possam dizer como era Jorge Torres, só se sabe que foi um homem que morreu aproximadamente aos sessenta e cinco anos, e que era um português de um metro e meio, pois naquela época do século XIX os portugueses e europeus eram de baixa estatura, mas era um homem de um metro e meio que construiu o que construiu, deixando uma imensa história nessa cidade. Não é possível encontrar nenhuma foto sua sequer.

2.2. Origem e Construção do Solar.

O Solar José Rufino, situado na Praça Pedro Américo, originou-se a partir da vinda de Jorge Torres para a cidade em 1818 e no mesmo ano idealizou e construiu. O casarão foi erguido com cinco portas na fachada e cinco janelas, na parte interior formado por muitos cômodos, só de quartos eram 33, pois assim foi projetada pelo marinheiro para casarão comercial e na época eram assim que se construía os modelos comerciais, é um modelo de primeiro andar e na parte dos fundos também foi erguida com 12 senzalas, seis na parte superior e seis na parte inferior.



Figura 4 Fachada do Solar José Rufino.

Fonte: Acervo do Solar.

O marinheiro Jorge ergueu esse casarão com três finalidades, como casa comércio como já foi citado, casa residência, pois morava com sua família

na parte superior e um local destinado para a mão de obra escrava, considerados “gente de cor”. Na parte superior da senzala ficavam as escravas amontoadas essas responsáveis pelo trabalho mais pesado da casa, pela agricultura e por todo serviço braçal, e nas outras seis senzalas ficavam as escravas responsáveis por mandar na casa como trabalho para a sinhá e sinhazinha, em um serviço mais leve arraigado a mais um pouco de conforto que as outras do serviço braçal pesado. Havia uma senzala separada, mais propriamente era a última de todas, esta servia para trabalho de parto das escravas que por sinal elas mesmas realizavam, seus filhos permaneciam no Solar até o fim da amamentação e posteriormente eram levados para a fazenda. Eram divididos os espaços de acordo com a descrição deles, isso entre as próprias escravas, como também relacionado aos escravos.

O Solar tem uns anexos a qual foi construído posteriormente, nas quais foram o engenho Macaíba que na época era conhecido como tanques do Jorge fixada entre a cidade de Areia e Barra de Santa Rosa, a Grota do Bonito e a Grota do Pirunga, além também do antigo engenho da Várzea que hoje encontramos na UFPB Campus II com toda sua primitividade e marcas desse tempo de engenho com máquinas e casas usadas nessa época e para tal, e isso guardados e preservados pela UFPB como memória no mesmo espaço. E também importante ressaltar que no mesmo local deste Solar o marinheiro Jorge após ter erguido este saiu em seqüência construindo casas na vila, dando um contínuo crescimento e desenvolvimento no local.

No comércio que Jorge Torres abriu neste Solar se vendia de um tudo, desde fumo de rolo até jóias e tecidos trazidos da Europa, na época essas vendas eram bem diversificadas, cada espaço de venda abria a oportunidade de escolhas de vários tipos de produtos. No século XIX era o homem mais afortunado da época em Areia, o mais que tinha posses entre casas, números de escravos e fazendas. Vale salientar que ele não veio afortunado, do pouco que trouxe de Portugal investiu e se tornou um homem importante e responsável por uma parte do desenvolvimento do local.

Neste Solar como também nos anexos, Jorge torres desenvolveu uma técnica que nenhum senhor de engenho da época no Brejo de Areia e até

mesmo do Brasil havia pensado, estava relacionado à mão de obra escrava onde os senhores de engenhos geralmente compravam negros vindos nos navios negreiros, Jorge Torres, pois em vez de comprar esses escravos como os demais passou a estimular reprodução entre eles, haviam as negras escravas determinadas para este fim e locais preparados para receber esses frutos da coabitação para o comércio, isso tanto para o seu próprio uso como também mais um produto de comércio as quais ele destinava para a venda. Quando essas crianças nasciam no próprio sobrado na parte de trás onde ficava a senzala eram levados para a fazenda e ficavam lá até dos nove aos dez anos, ao chegar nessa idade voltavam para o sobrado para dali serem comercializados, o tempo que essas crianças passavam na fazenda até completarem esta idade, as mães desses escravos tinham certa regalia para a época, podiam visitar seus filhos aos domingos na fazenda. Até então o tráfico não havia sido abolido, só a partir de 1850 que a fonte a qual disponibilizava a mão de obra escrava foi posta a fim, Segundo Almeida (1985, p. 2003) a coincidência pela solidariedade humana só ocorreu “aos clarões da lei de 28 de setembro de 1871, em virtude das quais os nascidos de escravas não mais acompanhavam as condições do ventre”.

2.3. Um novo momento que o Solar passa a viver.

Com a morte de Jorge Torres em 1852 o Solar ficando sobre as posses de seus familiares, em um dado momento resolveram se desfazer dele e repassaram para que outro dono pudesse dar continuidade de morada no Solar, e até de comércio também, pois assim foi vendido para Leopoldina Chianca que continuou com as vendas de produtos, denomina “O sobrado de Dona Leopoldina Chianca reluzia..., colonial, portas pintadas de verde...varandas pintadas da mesma cor em madeira.” (ALMEIDA, 2010. p. 183), só que seu comércio não era diversificado em variedades, trabalhava apenas com tecidos e seus derivados, como botões, tesouras e outros. E de Leopoldina Chianca foi passando sucessivamente para as mãos de seus próprios familiares, que ao todo o Solar perdurou nas mãos dessa família por 61 anos, essa também uma família bem influente da época. Até então a fachada permanecia intacta.

Ao cabo desses 61 anos, haja vista pelo tempo e não sendo feito os reparos necessários por parte do proprietário no momento, o Solar José Rufino entrou em estado decadente, foi a ruínas. A família, pois decidiu por motivos o levar a leilão, a partir daqui pois surge uma nova personalidade com uma imensa responsabilidade que tomou sobre si nesse Solar.

CAPÍTULO 3: O SOLAR DE JOSÉ RUFINO: DO NOVO PROPRIETÁRIO AO TOMBAMENTO

3.1. José Rufino: “Último” Proprietário do Solar.



Figura 5. Imagem que retrata foto de José Rufino de Almeida e sua assinatura.

Fonte: Acervo próprio da autora.

José Rufino, pai de José Rufino de Almeida o qual adquiriu o casarão, nasceu no dia 8 de agosto, dia de São Domingos, por ter nascido neste dia o pai queria prestar homenagem ao santo colocando o nome no filho que acabara de nascer, mas sua mãe não aprovou a idéia, entraram em acordo e colocaram apenas o José com o Almeida. Já um pouco crescido deram a ele a alcunha de José Rufino, para que assim pudesse se diferenciar com o primo, pois o nome do primo se chamava José Augusto de Almeida, mas esse primo era conhecido como José de Almeida pelas redondezas, que assim os dois ficavam com o mesmo nome, então seria necessária a mudança de nomes para distingui-los.

Mais tarde o Rufino foi adotado oficialmente ficando como José Rufino de Almeida, e o do primo foi trocado o Augusto por Américo ficando também como José Américo de Almeida, esse por sua vez para homenagear o famoso pintor Pedro Américo de Figueiredo. Toda sua história se passou em Areia, onde criou suas raízes, casou e procriou, acreditou e lutou por suas terras, foi um homem do campo, tudo o que se tornou foi com recursos próprios, com a inteligência dada por Deus.

José Rufino de Almeida, o filho, a figura que adquiriu o casarão no ano de 1971, nasceu na casa grande do engenho da Várzea em 4 de agosto de 1895, a poucos quilômetros da cidade, hoje esse engenho da várzea pertence ao Campus II da Universidade Federal da Paraíba. Por sua vez, José Rufino a ser o terceiro dono do casarão aos seus 76 anos de idade, o qual adquiriu através de um leilão das mãos da família Chianca no ano de 1971, na qual seu pai tinha vendido ele no ano de 1910, então como passara sessenta e um anos nas mãos da família Chianca, adquirido em estado de ruínas proporcionou a ele assim uma reforma.

Foi o quarto filho de Antônio Augusto de Almeida e Adelaide Jocunda da Costa Gondim, ambas as famílias faziam parte de influências importantes da cidade, os avós paternos eram João Carlos de Almeida e Francisca Teodolina de Albuquerque. Seus irmãos foram a Maria Eugênea, *Elpídio de Almeida* esse importante ressaltar que foi médico e político, ex-deputado federal e prefeito de Campina Grande, autor do livro História de Campina Grande; *Horácio de Almeida* foi um importante advogado e historiador paraibano, dedicou-se a história da Paraíba e de Areia, que por sinal é o autor do livro Brejo de Areia (1985); o Pedro, e o Manoel Rufino que foi adotado por seus pais. Em janeiro de 1928 José Rufino casou com Adelaide Castor Gondim, prima legítima dele e filha de Sinfrônio da Costa Gondim e Isabel Castor Araújo, só que antes na época do noivado José Rufino estava em uma situação desconfortável pelo fato que ele estava sem um emprego fixo, neste momento o pai dele já havia vendido a propriedade do engenho da várzea. A esposa era muito bela e vivia uma vida bem confortável na casa de seus pais, depois que casaram perceberam que não se completavam, mesmo assim

tiveram oito filhos nas quais se chamavam Célia Almeida, Marluce Almeida, Diva Almeida, Maurício Almeida, Clóvis Almeida, Gilberto Afrânio Almeida, Antônio Augusto Almeida, Alice Almeida e Norma Almeida. Em uma relação extraconjugal teve mais quatro filhas que se chamavam Ângela, Natércia, Susana e Silvana, essas filhas de Nilza. Como aborda *Almeida* (1995), a parentela de José Rufino e seus acontecimentos da época.

O pai de José Rufino também chamado de José Rufino, naquela época era muito comum encontrar filhos com o mesmo nome do pai, ele era um homem orgulhoso, vaidoso e altivo, e seu filho José Rufino herdou esses atributos do pai. Apesar de se achar feio, José Rufino de Almeida, no entanto sempre foi bonito pelo fato da forma vaidosa de se comportar, era um homem de usar muitas jóias, roupas bem alinhada, usava xampus especiais para a cor do próprio cabelo. Era fluente e desenvolto nas conversas, se comportava com a mesma elegância seja lá qual o local que pudesse visitar, era também um homem dotado de organização, isso em tudo, desde seus pertences de casa até aquilo que era relacionado os seus negócios financeiros, era ciumento com suas filhas ao ponto de mandá-las para outro lugar a fim de não permitir que um namoro viesse a ser consumado, isso quando não se agradava do candidato, por que caso contrário ele se tornava até um alcoviteiro, no entanto cuidava bem dos filhos adornando-os do necessário e de uma boa criação, mesmo assim ensinando-os sempre a dar valor aquilo que tinham, até por que o próprio no tempo que o pai vendeu a várzea ficou sem nada.¹⁷

A situação, pois levou José Rufino filho instalar uma fabriqueta de fundo de quintal na produção de arroz doce não dando certo pelo fato de ser tão precária, por segundo fez uma fábrica de redes, de primeira instância deu certo mas com um tempo acabou quebrando também, a partir daí conseguiu um emprego em uma tecelagem, que deste por sua vez havendo um desentendimento com os donos saiu.

Ao voltar para Areia seu sogro arrendou umas terras que lá começou seu crescimento financeiro, no entanto após a morte de Sinfrônio o sogro,

¹⁷ Fala de Gerson Paulino através de entrevista, o próprio é historiador e funcionário do Solar.

comprou as partes da viúva e dos herdeiros, daqui por diante José Rufino começou a trabalhar suas próprias terras com toda força de vontade e coragem pra seguir adiante o que começara a conquistar. Sempre considerava com todo esmero aquele que se comportava com competência e interesse.

Proporcionou desenvolvimentos em relação ao crescimento do local e de formas de trabalho, como exemplo ainda na década de setenta instalou energia elétrica, realizou duas grandes reformas no engenho, realizou em 1953 uma substituição dos maquinários da usina, deu também a fazenda do Riacho da Cruz todo um tratamento especial com reformas e mudanças, entre os demais de seus feitos.

Considerado na época como um grande criador de búfalos, além de criar também gados de mestiçagem holandesa e zebuína, carneiros e cabras de diferentes raças. Possuiu residências também em João Pessoa, por duas vezes a família fixou residência na capital, a primeira foi em 1942, a segunda em 1965, em Areia além de ter o sobrado colonial tinha outro imóvel na rua Epitácio Pessoa que hoje se conhece como rua do teatro Minerva. Em 1947 possuiu seu primeiro automóvel, pois antes utilizava um de aluguel, cavalos e charretes, quem dirigia seus carros eram os filhos, os amigos ou motoristas contratados, pois não sabia dirigir, afirmava que sabia apenas buzinar.

Era um homem que não media esforços para trabalhar, afirmou que nunca juntava dinheiro, pois entrava por uma porta e saía por outra o que adquiria, sempre transformava em algo necessário, construiu cem casas para seus moradores, três açudes, mais de trinta quilômetros de estrada de rodagem em mais de três municípios, não se importava se iria servir também aos outros. Tinha um extremo cuidado com seus moradores, dava toda assistência, que começava das escolas com seus respectivos materiais até a saúde, no que fosse preciso José Rufino não media esforços para ajudar os necessitados, sempre estava pronto para participar de tudo o que fosse convidado, era um homem de posses, porém humilde de coração. Em 1935 publicou muitos artigos no assunto que se arremetiam as produções da época, como a rapadura, o café e o Açúcar e demais assuntos de debates. Apesar de sua popularidade e desvelo, com toda sua humildade, e todos os seus feitos,

no entanto ao participar da campanha sendo candidato a prefeito de Areia em 1951 não foi eleito.

Não era tão devoto ao catolicismo, gostava apenas de apreciar as obras feitas no piso e na nave da igreja, e ainda passou a fazer suas rezas no tempo de sua enfermidade, nesse tempo ele buscava alento nas rezas apenas, mas devoto ao catolicismo nunca foi. Da sua infância até o início de sua adolescência aconteceu no sobrado acompanhado de seus pais e irmão, quando criança era raquítica, magrinho sem presença nenhuma, gostava de contemplar o verde pelos fundos do casarão por horas. Bebidas pra ele apenas socialmente, com amigos e em certos ambientes, gostavam de estar ao lado de pessoas jovens, não querendo afirmar que ele desrespeitava os mais velhos com sua escolha, mas se sentia realizado ao lado de mentes novas, isso para conversar e debater assuntos, era muito animado, nas festas juninas sempre estava com os seus busca-pés e balões, aqui se divertiam em seus sítios com netos, amigos e mais familiares.

Quanto a sua escolaridade, foi até o segundo grau incompleto, mas mesmo assim com a escolaridade incompleta não o colocou pra trás em relação à escrita e inteligência, no seu tempo de escola era bem conhecido por esta inteligência, depois de grande ainda assim lembrava-se do vocabulário ao qual aprendeu quando em menos idade, ele tinha uma facilidade fora do normal em brincar com as palavras, era eloqüente nelas, na escrita deixavam outros de escolaridade completa com inveja ao ler seus artigos, pela tamanha inteligência que ele tinha, de debater, de comentar, de se contrapor, de se posicionar, de fazer acreditar nas suas afirmativas e seus conceitos.

Gostava de acordar seus filhos com músicas engraçadas, quando os mesmos o procuravam para pedir opiniões de livros para ler ele se sentia lisonjeado, pois tinha em suas mãos uma completa coletânea de livros de autores paraibanos e além também de livros infantis para seus filhos de menos idade.

Como era amante da leitura destes livros até jornais que assinava, sempre esteve inteirado de todo movimento sócio econômico e cultural da

Paraíba, assim se tornou sócio correspondente do IHGP. Ele sempre estava disponível para receber um convite, seja pra o que fosse ou até para que fosse sempre atendia, sendo dentro ou fora de seu alcance, no entanto isso não o atrapalhava em dar conta de suas responsabilidades, era um homem que dava conta desde a sua vida pessoal até a social, e ambas muito bem, pra ser mais preciso ele gostava de reunir a família em pescarias, gostava de espetáculos de circos e entre uma gama dos prazeres de José Rufino.

Em 1977 Foi levado contra sua própria vontade para o médico por Antônio Augusto, pois se encontrava debilitado, e escondendo de todos aos trancos e barrancos continuando mesmo doente dando conta de tudo como de costume, mas desta feita ao chegar ao médico e se submetendo a um *check-up* foi diagnosticado o primeiro acidente vascular, nisso depois da descoberta ainda durou dois anos de vida, antes disso passou a ser cuidado pela família que o considerava como doente rebelde, por que mesmo com a esclerose que também o atingiu, mas nos momentos que estava em sã consciência queria fazer suas vontades a qual a falta da saúde não permitia, mesmo assim era voluntarioso e exigente, nisso ficou sendo cuidado em João Pessoa, quando batia a saudade de Areia e sua saúde estava um pouco melhor ele vinha visitar.

3.2. O Solar Passa para um Novo Proprietário: José Rufino de Almeida

O José Rufino de Almeida com um sentimento de devolver à família aquilo que um dia pertenceu a sua linhagem arrematou o Solar nesse leilão a qual a família Chianca o levou, pegou de volta pois algo que teve e até então tinha uma importância para toda família, até por que o José Rufino era bisneto do Marinheiro Jorge ao qual ergueu. Então o declínio arquitetônico estava imenso sobre aquele monumento, o Solar José Rufino estava a gritar por socorro, necessitava de uma restauração o mais rápido possível. José Rufino de Almeida ao ir para uma visita momentânea a Paraty no Rio de Janeiro, se deparou com fachadas que encheu seus olhos e pensou que poderia ser feita também no casarão a qual acabara de adquirir, não só pensou mas como assim determinou, ao voltar no ano de 1970 começou uma imensa reforma

transformando uma boa parte da fachada, reproduziu pois uma fachada vista em Paraty, e seu filho Antônio Augusto foi o responsável pelo projeto a qual o casarão iria se submeter, produziu pois um projeto que não deixasse mais o Solar como casa comercial mas sim como casa residencial, embora José Rufino nunca usou como morada.

O Solar dantes tendo cinco portas, pois assim eram as fachadas das casas comerciais da época, na parte inferior dele após a reforma passou a ficar com apenas uma porta como modelo de casa residencial que é, e no lugar das outras quatro portas tornaram se em janelas, e a parte superior permaneceu com as cinco janelas forma original mesmo de quando construído. Na parte do interior do casarão também passou por reforma, os quartos passaram por transformações pois eram de outra formalidade. Ao lado tinha uma casa que José Rufino também a adquiriu para transformar em um terraço fazendo parte do Solar, como um complemento, isso para a circulação da própria família.

Como já citado, José Rufino não morou no Solar, ele adquiriu fez a reforma, e entregou para a família, no entanto mesmo assim usou como comércio¹⁸, passou um tempo com vendas nele, mais propriamente o entregou em uma grande festa realizada para o casamento de sua neta em 1975, foi quando fora reaberto. Rufino fazia uso do Solar também para receber personalidades políticas e intelectuais e para oferecer grandes eventos sociais e políticos na cidade de Areia, assim era as formas que fazia José Rufino abrir as portas do Solar depois de falido seu comércio, Almeida (1985) relata “Liquidou às pressas o negócio, pagou as dívidas e foi dar com os costados no engenho da Várzea, de onde saíra, com o pecúlio de que dispunha, para aventura do comércio”, assim saiu com algo que havia guardado em busca de se aventurar com o comércio a fora, onde as feiras eram comuns pela região, como exemplo podemos ver comerciantes mascateando na feira de Lagoa de Remígio, nessa época Lagoa de Remígio¹⁹ pertencia a Areia. Era comum em desfile de sete de setembro e de aniversário da cidade a família aparecer nas

¹⁸ ALMEIDA, Horácio. Brejo de Areia. 1985. p.177 “Quando o velho Rufino cuidou de si estava quebrado”.

¹⁹ Foi desmembrada da cidade de Areia. Atualmente é o município de Remígio.

sacadas do Solar, elas não participavam diretamente das festividades²⁰ mas apareciam para apreciar, então assim nas mãos de José Rufino e da família o Solar José Rufino tomou outros tipos de usos, podendo-se dizer em questões políticas, sociais e familiares. A presença da família mesmo sendo das sacadas para apreciar tinha uma simbologia de participar indiretamente daquela festividade, sua família sempre participava até quando José Rufino não pudesse estar presente.

O Solar de tamanha importância e relevância sendo entre todos os bens que José Rufino de Almeida deixou em sua morte. A partir disso ao repartir seus bens para os familiares, o Solar por sua vez ficou com Nilza, a mulher a parte, a já citada, de um relacionamento extraconjugal que teve com esta.

3.3. O Casarão José Rufino vai a Hasta Pública



Figura 6 Fachada Atual do Solar.

Fonte: Acervo do Solar.

²⁰ A festa mais importante em Areia na época era a da padroeira da cidade, pois começava com a missa, em continuidade com hasteamento da bandeira acompanhado com bandas de música e foguetes. Ao todo essa festa durava nove dias.

A fachada do Solar José Rufino é um ponto importante do mesmo, pois ao mesmo tempo que revela um marco histórico por ser um modelo da época de quando construído, revela também através de seu passado as mudanças a qual passou para se adequar ao donos a medida que ia sendo repassado, onde também através de sua mudança na fachada a partir da compra de José Rufino de Almeida, revelava os modelos de casa comercial que eram antes dessa compra, que ao ter quatro portas inferior transformadas em janelas para se adequar a casa residência como passara nesse momento. Então há toda uma simbologia de modelo de fachada para determinado uso. Com toda mudança, no entanto o gosto arquitetônico da época não foi tocado, atualmente permanece com essa visão do passado eternizando no presente.

Nilza e sua família residiram no casarão até final de 1980 para o início de 1990, a partir disso por via de dívidas que por sinal foram herdadas junto com o casarão e não tendo condições para pagar, a maneira encontrada foi entregá-lo para que este fosse levado à hasta pública. Com a saída de Nilza e toda família levou consigo todos os móveis, nada ficou nele do que poderia trazer a memória de algum objeto usado no interior. Então assim foi tomado e colocado a leilão, em 1993 para 1994, esse leilão nenhum homem por mais que fosse detentor de posses em Areia não teria como adquiri-lo pelo preço altíssimo que foi colocado, a única pessoa que tentou adquirir este Solar foi o saudoso Monsenhor Barreira Vieira, mas não conseguiu comprar, o valor não cabia no orçamento mesmo se esforçando a procura de outras ajudas, então assim na época só restava à compra por parte de um poder público.



Figura 7 Quadro contendo um dos documentos a qual faz o TJ proprietário do Solar.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A imagem revela em um quadro existente na parte da recepção encontrada no início do casarão, um documento que expressa a compra do Solar pelo poder judiciário através de recursos próprios. Denota-nos também uma apelação ao público visitante por fundos donativos feita por parte do poder municipal, a qual está no presente momento em suas mãos, para manutenção dele. Esse convite de contribuições aos visitantes para o devido reparo do próprio, por sinal este ato é considerado impróprio, pois como um museu é uma

instituição sem fins lucrativos a serviço da sociedade não cabe fazer tal petição, até por que também foi imposto a prefeitura a qual está emprestada em troca pelo menos e somente só de todos os reparos necessários.

O Tribunal de Justiça, pois na época estando a reconhecer e precisar de um local amplo suficiente para se instalar, tomando conhecimento do caso do Solar que estaria sendo colocado a hasta pública, viu nele um local perfeito desde a sua extensão estrutural até ao lugar de memória que traria da história da cidade de Areia, visto que se trata de um lugar cheio de cultura, história e patrimônio e também levando em consideração a sua centralidade em relação ao local, então resolveu arrematar em mais um leilão que o Solar veio a ter que se submeter.

O TJ ao adquiri-lo para se instalar seria necessário uma reforma, o casarão teria que se adaptar as necessidades do fórum, então assim foi feito, reabriram senzalas, refizeram pisos, estruturaram os banheiros, se preocuparam também com a questão de acessibilidade, tiveram que abrir salões que por sinal a sala do júri foi necessário abrir para alargar, a sala do juiz ficou onde era a sala da lareira e do jantar da família da época, quartos passaram a funcionar os cartórios do fórum e dentre tantas mudanças que tiveram que fazer, no entanto com toda transformação que foi feita mas havia contido neles em não tocar na essência arquitetônica do casarão .

O fórum além de se preocupar arquitetonicamente também se preocupou na própria estética do casarão, em ambientalizar o fórum de objetos que fossem também da época de 1918 do século XIX, como nada ficou do uso original dos que já passara pelo casarão, o Tribunal de Justiça foi a um antiquário em São Paulo e comprou móveis também equivalentes há duzentos anos, então uma parte do que se encontra de móveis no casarão são de duzentos anos.

Após terminada a reforma em 1995 o Fórum da Comarca de Areia Desembargador Aurélio de Albuquerque ocupou o espaço readaptado. O uso do casarão que passou de casa comércio para casa residência, desta feita passa a ser casa para resolver causas destinadas a serviço da justiça.

O fórum no passar dos anos ao perceber que o casarão não abarcava toda a sua necessidade, pois havia funcionamentos externos, viu a necessidade de ter um lugar próprio e com a capacidade de reunir todos os seus departamentos precisos, então assim foi objetivado a construção de um novo prédio. No ano de 2005 aconteceu a saída do fórum para esse novo prédio, este erguido no final da cidade em direção a cidade de Alagoa Grande, capacitado e especialmente a serviço da Comarca de Areia.

3.4. O Solar é Repassado Para Um Novo Uso.

Como a Comarca do fórum saiu do Solar o deixando vazio e não tendo o objetivo de desfazer dele em venda, o disponibilizou como empréstimo a prefeitura da cidade de Areia no ano de 2007. A prefeitura então passou a fazer uso do casarão instalando secretarias, como a secretaria do turismo, a secretaria de cultura e uma divisão técnica do IPHAN. Então esse acordo feito na época foi visto que serviria não só como instrumento para funcionar a secretaria de turismo do município, mas também como aberto a visitação pública, por que nele ainda permanece o acervo memorial da justiça da Paraíba, uma parte dos móveis que detém o Solar José Rufino que por sinal são propriedade do Tribunal de Justiça da Paraíba, e toda a história visual que ele trás por 199 anos que carrega essa memória sem tamanho.

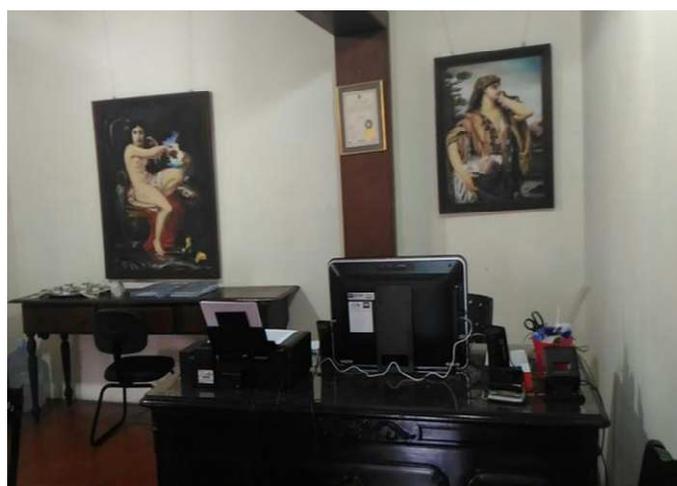


Figura 8. Imagem da secretaria de turismo instalada no Solar.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Então desde 2007 até a atualidade este Solar está cedido à prefeitura e a cada dez anos é renovado um contrato de seção de uso do Solar. A cada esses dez anos passados as duas partes se encontram, o presidente do Tribunal de Justiça junto com o prefeito atual da cidade para decidirem se querem renovar ou não essa seção, mas antes dessa reunião é feito todo um levantamento do estado do Solar. Pois assim é submetido a inspeção feito da seguinte forma, o tribunal de Justiça vem ao casarão com um grupo de arquitetos e técnicos para analisar como está a manutenção do prédio, dos móveis, de todo o imóvel como um todo, daí é feito um relatório para que seja levado ao presidente do TJ que em seqüência é marcada uma audiência com o prefeito da cidade para assinar um termo de seção por mais dez anos, isso se aprovado ou não o uso feito por parte da prefeitura e sob a sua responsabilidade em arcar com todas as despesas, realizando reparos necessários.²¹

No casarão por um momento tinha uma coleção como conceitua o autor Colin (2013) “em ser um conjunto de material ou imaterial reunido formado por um contexto verídico”, esse está relacionado a um objeto material de memória pertencente a José Henrique Batista de Albuquerque, um antigo tabelião do cartório de Areia que na verdade é o único tabelião da cidade onde mais conhecido como seu Zé Henrique, no Solar pois se existia o acervo que o pertencia na parte superior, que posteriormente com a construção do memorial para o próprio em um hotel pertencente a família, eles acabaram transferindo para lá no ano de 2013.²²

Antigamente a rua a qual se encontra o Solar José Rufino, era conhecida como rua do comércio, era a rua da feira livre, onde ficavam as grandes casas de comércio em Areia, pois na época era a principal cidade do interior da Paraíba, era a mais conhecida no Nordeste pelo seu comércio existente, e a construção do Solar foi quando se deu o ápice desse comércio. Jorge Torres foi responsável por este desenvolvimento em relação ao comércio

²¹ Informações cedidas por funcionário público que atua no Solar, o Gerson Paulino.

²² Informações cedidas por funcionário público que atua no Solar, o Gerson Paulino.

que se destacava. De onde também por parte de outras pessoas foi criando outros sobrados como casa de comércio, entre esses sendo também erguida a loja das onze portas, onde esta mais tarde foi repartida e passou a pertencer a vários donos, era uma grande loja de primeira instância. O Solar José Rufino é uma relíquia viva da história de Areia, Areia por si começa a sombra de uma gameleira em outro local, mas o comércio emerge e surge a partir dele, e possibilitou um crescimento relacionado a um desenvolvimento existencial na economia de Areia.

O Solar tomou o nome de José Rufino de Almeida, mesmo tendo passado outros proprietários, pelo fato dele ser o “último” proprietário e também pelo fato de ser o bisneto do marinheiro Jorge, então foi achado por bem dotar o Solar José Rufino, outro fator também foi em ter feito a grande e a maior reforma que executou nele. José Rufino era um dos homens mais ricos economicamente de Areia na época por ser um agro industrial, como também um político pertencente à câmara municipal como exercendo cargos de vereador, presidente da câmara e presidente do conselho municipal, assim conclui-se que era uma figura pública que acabou tornando-se gerando influencia em todos os âmbitos sociais.



Figura 9 Imagem da parte de trás.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

A imagem mostra uma parte do casarão, mais propriamente a parte exterior de trás.

Não passou por um processo de tombamento próprio, por si só, ele foi tombado como num todo, fazendo parte do conjunto histórico e urbanístico de Areia em 2006, nas quais se encontra entre os 420 imóveis que formam este conjunto.

Sua arquitetura, por ser um monumento histórico e paisagístico, por ser lugar de memória e museu casa, por sua contribuição no desenvolvimento do local, por ser também uma testemunha ocular no tempo da escravidão, por ter passado por ele figuras de cunho importante da cidade de Areia, o dignificou capaz de fazer parte desse patrimônio histórico na qual compõe a cidade.

3.5. A construção como lugar de memória.

O conceito de museu muda em partes, se relacionando aos objetivos de cada país, de acordo com seus modos, levando em consideração que as formas do museu em funcionalidade mudam ao longo dos séculos, mas o conceito profissional mais conhecida permanece a do ICOM (2007), pois define museu em ser uma “instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”, neste conceito está embasado o Solar José Rufino por está enquadrado e abarcar todas estas prerrogativas que o determina como museu.

O Solar José Rufino considerado um monumento, pois em suma é um local totalmente responsável por eternizar lembranças referentes a alguém ou a alguma coisa, nele está imanado tanto em trazer lembranças as figuras personificadas que passou por ele como o Marinheiro Jorge e José Rufino de Almeida, quanto a sua arquitetura que o forma sendo o da época riquíssima em cada detalhe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma chegamos a conclusão, que o Solar José Rufino o qual tratamos no decorrer do trabalho é um monumento histórico que consiste em lugar de memória trazendo consigo 199 anos de história que reflete na historiografia local. Como ao longo do tempo os usos foram sendo diversificados, sua estrutura assim foi modificada de acordo com a necessidade daquele que passara a ser seu novo proprietário. Atualmente em ser tombado pelo IPHAN, mesmo assim está aberta para que sejam funcionadas secretarias municipais em seu local, visto ser um monumento histórico sua estrutura em suma seria necessária ser tratada como realmente lugar de memória que é, pois o uso assim deterioriza, gasta, transforma.

O referente trabalho abarca uma história mais ampla do determinado Solar José Rufino que por sinal não se encontra sobre em especificidade, então nele está imposta esta responsabilidade de tratar do próprio em destaque.

Abordagens através de entrevistas orais, visitas a supostos familiares dos antigos proprietários do Solar, acesso a uma parte do acervo de livros que abarcam a história de Areia contendo recortes do próprio e análises na própria visita, nos deu a oportunidade de conhecê-lo mais a fundo e entrarmos em uma conclusão de suma importância ao conhecimento que leva o tão conhecido Solar José Rufino na historiografia brasileira.

Essas abordagens tendo a sua parcela de contribuição em relatar a história do Solar o fazendo ser um pouco mais conhecido de história em continuação, não só tendo importância para a historiografia brasileira fazendo parte do patrimônio histórico local entre os 420 monumentos, mas para o próprio local em vista da sociedade. Pois assim ao relatarmos tal assunto em meio a essa sociedade areiense poucos sabiam a origem e sua importância, sem nem ao menos saber que o Solar José Rufino se tratava daquele antigo casarão que o TJ já tinha usado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antônio Augusto de. **José Rufino: Areia Paraíba**. Comemorativa de centenário de José Rufino de Almeida. 1995

ALMEIDA, Zélia. **Bem-Estar e Riqueza no Brejo de Areia**. Idea. João Pessoa. 2010.

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia: Memória de um município**. Ministério da educação e cultura. Serviço de documentação. Coleção "Vida Brasileira". 1985.

BARROS, Francisca Maria da Silva. **Educação patrimonial: a cartografia do patrimônio da cidade de Areia-PB**. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2014.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. **A constituição social da memória: uma perspectiva histórica cultural**. Ed. UNIJUÍ, 2000.

COLIN, Armand. **Conceitos-Chave de Museologia**. Mariemont. ICOM. São Paulo, 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Unesp. São Paulo, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luíz Salgado. **O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2007.

GOMES, Expedito. **Brejo de Areia: A terra dos meus ancestrais**. Ideia. João Pessoa, 2013.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das Tradições**. 6 ed. Paz e Terra. 2008

NORA, Pierre. **Entre memória e história**. Projeto história. São Paulo. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatay. **História e História cultural**. 3 ed. Autêntica. 2007

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro. 1992.

SOBRINHO, Reinaldo de Oliveira. **Esboço de Monografia do Município de Areia**. Imprensa Oficial. João Pessoa. 1959.

Sites

Portal.iphan.gov.br/página/detalhe/347

WWW.paraibacriativa.gov.br/artista/museu-regional-de-areia/

Entrevistas

Gerson Paulino- Historiador pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), atualmente mestrando na UFPE e está como funcionário público no Solar José Rufino.

Francisco Lourenço- Técnico em guia de turismo na empresa Secretaria de Cultura e Turismo de Areia (PB).